

065

O NATURALISMO FILOSÓFICO DE HUME. *Fabio Augusto Guzzo, Andre Nilo Klaudat (orient.)* (UFRGS).

Na segunda seção do primeiro livro do *Tratado da Natureza Humana*, Hume investiga as causas que nos levam a acreditar na existência contínua e independente dos corpos. Essa crença é um fato, e de antemão Hume considera inútil perguntar pela existência ou não dos corpos, isso é algo pressuposto em todos os nossos raciocínios. Assim, é proposta uma investigação sobre as evidências que nós, seres humanos, temos para uma tal crença. Rejeitando os sentidos e a razão como faculdades responsáveis por essa crença, Hume a identifica como uma ficção da imaginação, ficção essa que não resistiria a uma reflexão filosófica a respeito da natureza da nossa percepção. Aparentemente, esse é o resultado cético da seção. Contudo, dizer que a crença no mundo externo é injustificável significa dizer que ela é falsa? Pois, segundo Hume na quarta seção do mesmo livro, a imaginação possui princípios "permanentes, irresistíveis e universais", dos quais são derivadas crenças que são fundamentais para a vida humana. A crença no objeto externo seria de tal espécie. Qual é o papel desses princípios? São as crenças baseadas neles vulneráveis às dúvidas céticas? Responder essas questões nos ajuda a entender o significado e o papel desempenhado pelo naturalismo frente ao ceticismo atribuído a Hume. (PIBIC).